

## TEORIA ATOR-REDE: UMA CHAVE PARA ANALISAR O TURISMO E OS FENÔMENOS COMPLEXOS EM UM PRESENTE DISTÓPICO \*

Samuel Bedrich Morales Gaitán\*\*

**Resumo:** O objetivo deste paper é analisar como a Teoria do Ator-Rede (ANT) tem sido adotada na América Latina para investigar (embora não necessariamente circunscrita) a Sociologia do Turismo. A prática relacionada com o estudo de fenômenos complexos com esta teoria também é partilhada. Para tal, o texto começa a olhar para a gênese da ANT no século XX na Europa, depois discute a sua incorporação nos Estudos do Turismo e posterior adoção na América Latina. Posteriormente, no artigo, são introduzidos alguns casos de estudo concretos, bem como a experiência pessoal do autor com a ANT. Finalmente, o texto delibera sobre as aprendizagens e perspectiva de aplicabilidade futura, num mundo em que a noção de "Turismo" enfrentará um questionamento devastador. Concluímos que, como o chamado "setor do turismo" terá de se regenerar, o mesmo acontecerá com a investigação nessa matéria, tanto compreendendo a necessidade de romper com as barreiras disciplinares, como integrando novos atores e paradigmas.

**Palabras chave:** Teoria do Ator-Rede; Sociologia do Turismo; Globalização; Regeneração Turística.

### ACTOR-NETWORK THEORY: A CLUE TO ANALYZE TOURISM AND COMPLEX PHENOMENA IN A DISTOPIC PRESENT

**Abstract:** The aim of this paper is to analyze how Actor-Network Theory (ANT) has been adopted in Latin America to research within (although not necessarily circumscribed to) the Sociology of Tourism. The practice related to the study of complex phenomena with this theory is also shared. In order to do so, the text initiates looking back to the ANT's genesis in the twentieth century in Europe, then discusses its incorporation in Tourism the Studies and later adoption in Latin America. Subsequently in the article, some information from concrete study cases are introduced, as well as the author's personal experience with ANT. Finally, the text deliberates on the learnings and perspective of future applicability, in a world where the notion of "Tourism" will face a devastating questioning. We conclude that, as the so called "tourism sector" will have to regenerate itself, so will research in that matter, both understanding the need to break away from disciplinary barriers, as well as integrating new actors and paradigms.

**Key words:** Actor-Network Theory; Sociology of Tourism; Globalization; Tourism Regeneration.

### LA TEORÍA DEL ACTOR-RED: UNA CLAVE PARA ANALIZAR EL TURISMO Y LOS FENÓMENOS COMPLEJOS EN UN PRESENTE DISTÓPICO

**Resumen:** Este trabajo tiene por objetivo central analizar la forma en que la Teoría del Actor-Red (ANT, por sus siglas en inglés) ha sido apropiada en América Latina para la investigación desde la Sociología del Turismo, aunque no únicamente circunscrita a ella. Se comparte también la experiencia de su empleo para el estudio de fenómenos complejos. Para ello, se presenta una reflexión sobre su génesis en la Europa del siglo XX, su incorporación a los estudios del turismo en el mundo y posterior adopción en América Latina. Más adelante se presentan informaciones de casos concretos, así como la experiencia personal del autor con la ANT. Finalmente se reflexiona sobre los aprendizajes generados y la perspectiva de su empleabilidad futura, en un mundo en el que la noción de "turismo" enfrentará un cuestionamiento devastador. Se concluye que, así como el denominado "sector turístico" deberá regenerarse, la investigación tendrá también que reinventarse, comprendiendo la necesidad de eliminar las barreras disciplinares, e incorporando a nuevos actores y paradigmas.

**Palabras clave:** Teoría del Actor-Red; Sociología del Turismo; Globalización; Regeneración del turismo.



Licenciada por *Creative Commons*  
Atribuição Não Comercial / Sem  
Derivações / 4.0 / Internacional

\* Texto traduzido do original, com a permissão do autor, por João Paulo Louzada Vieira (doutorando em ciências sociais – PPGCSO/UFJF) e Thiago Duarte Pimentel. Revisão técnica: Thiago Duarte Pimentel.

\*\* Doctor en Ciencias Sociales (FLACSO-Argentina 2014). Consultor en Mi2U.mx y Profesor invitado en Universidad Lasalle Oaxaca (México). Especialista en Turismo, Espacios Rurales y Desarrollo Sustentable. CV: <https://independent.academia.edu/SamuelMorales3> [ [samoralesg@gmail.com](mailto:samoralesg@gmail.com) ]

## 1. INTRODUÇÃO

*Eu começava a questionar tudo o que havia à minha volta, as casas, as placas das lojas, as nuvens no céu e as gravuras que via nas bibliotecas, não para que me contassem a sua história, mas a outra, que certamente esconderam, mas que acabavam por revelar por causa e em virtude das suas misteriosas semelhanças. Umberto Eco, O Pêndulo de Foucault (2010 [1997]:466).*

A impressão que a aproximação inicial da Teoria Ator-Rede (ou ANT, por sua sigla em inglês, como é utilizada neste texto) pode gerar é de desconcerto e – ao mesmo tempo – uma espécie de hipnose. É desconcertante porque a sua linguagem nem sempre é acadêmica, porque as boas teses geralmente carecem – em geral – de um quadro teórico, e porque tendem a ser documentos que parecem não estruturados; por vezes até sarcásticos, com um estilo mais narrativo do que o de um trabalho de pesquisa. Hipnose porque é relativamente fácil ficar preso à teia do relato e dos atores que nela estão envolvidos. Se Umberto Eco (2009[1982]) insistia que o trabalho de uma tese deveria ser semelhante ao romance policial e manter sempre o interesse do leitor, a ANT fez todo o possível para assegurar que não só o fascínio da leitura fosse mantido, mas para assegurar que os atores e coisas não humanas tivessem a sua própria voz.

No entanto, a ANT é mais do que uma forma de crónica. De facto, é uma das mais importantes abordagens recentes à análise de fenómenos complexos e em rápida mudança: "investigação sobre organizações, estudos de informação, marketing, ciência e tecnologia ou estudos de gestão, onde os limites são terrivelmente confusos. Novos Temas." (Latour 2008: 206). O turismo, a partir de uma visão contextual, faz parte desta lista.

Neste capítulo, tentamos apresentar uma análise das razões pelas quais a Teoria Ator-Rede pode ser essencial, não só para a investigação sobre turismo, mas também uma chave para salvar este fenómeno que está cada vez mais a ser questionado face ao paradigma da sustentabilidade. O trabalho aqui desenvolvido tem o objetivo de apresentar o curto – mas frutuoso – percurso de uma teoria que é mais uma abordagem metodológica, mas que nos permitiu reunir, numa série já considerável de investigações, as ciências naturais com as ciências sociais, e os humanos com os não-humanos, sempre a partir de uma visão interdisciplinar.

Para tanto, este texto está dividido em quatro partes: a primeira, apresenta, dentro de uma perspectiva cronológica, a forma como a ANT surgiu no campo da investigação em ciências sociais. Em seguida, faz-se um percurso geográfico, para analisar como a sua rede se expandiu para a América Latina, e finalmente faz-se uma revisão de algumas obras representativas produzidas no continente.

A segunda parte analisa, a partir da experiência pesquisador e revisão de literatura, as principais noções da ANT, colocando-as em relação ao turismo, sugerindo as razões pelas quais é considerada uma grande contribuição para este assunto. Neste ponto se faz referência, principalmente, à simetria generalizada, à visão de rede, e aos processos de tradução e formas de encomenda, como elementos essenciais de grande utilidade.

A terceira parte refere-se à experiência do autor na aplicação prática da ANT a partir de um estudo de caso elaborado no contexto de uma tese de doutoramento. São compartilhadas reflexões detalhadas dos resultados do campo, correspondendo a maioria deles aos elementos acima citados. Adiciona-se também a utilização que lhe tem sido dada em trabalhos práticos para além do campo académico é também acrescentada.

Finalmente, a quarta parte centra-se na aprendizagem e nas perspectivas futuras a partir da experiência obtida, mas também a partir da revisão da literatura gerada. É feita uma profunda reflexão sobre o futuro do turismo, insistindo na necessidade de uma mudança de paradigmas, tanto na investigação como na prática do turismo. As conclusões permitem-nos refletir sobre o trabalho de investigação realizado até o momento.

## 2. SOCIOLOGIA DO TURISMO, ANT E PÓS-MODERNISMO (2000)

### 2.1 Sociologia do Turismo e Pós-Modernismo

Um trabalho paradigmático no estudo da sociologia do turismo foi o de Erik Cohen (1984), que na fase madura do estruturalismo social ousou, juntamente com outros como Lanfant, Nash ou Kippendorf, chamar a atenção para os impactos do turismo, até então um sector em plena expansão econômica:

"A estrutura da indústria do turismo a nível global tem importantes repercussões a nível nacional e local nos países receptores. Estes efeitos são a principal preocupação dos que estudam o turismo na perspectiva da teoria da dependência" (1984: 383, tradução própria).

Cohen falou então de oito abordagens conceptuais nas quais se centrava a investigação em turismo: desde o seu economicismo e aculturação, até o seu neocolonialismo. A preocupação central enfocava-se na relação hospedeiro-anfitrião, de uma perspectiva geral, dicotômica.

No final do século XX e início do século XXI, na fase que alguns identificam como pós-capitalismo (Lash e Urry, 1998 [1994]) ou pós-modernismo (Harvey, 1998 [1990], MacCannell (2007 [1992])), vários autores questionaram a investigação social no turismo, alargando o seu espectro de debate para a própria posição do investigador e os seus métodos: Phillimore e Goodson (2004), por exemplo, retomando as abordagens de Denzin de 1998, delinearão cinco momentos da pesquisa qualitativa no turismo, dos quais o último assinalava "o fim das grandes narrativas, o foco em casos específicos, o reconhecimento da necessidade de contexto em cada teoria, a rejeição da 'objetividade' do investigador e reconheceu que a sua voz era apenas uma entre muitas" (2004:9).

Ao mesmo tempo, autores como Xiao (2009), acusaram os estudos de caso de serem "repetitivos, aborrecidos e deficientes em profundidade de análise" (2009:1), embora o próprio Xiao reconhecesse a existência de uma comunidade de investigação crescente sobre uma variedade de temas: "planejamento e desenvolvimento, património e cultura, percepções comunitárias do impacto do turismo, políticas públicas, festivais e eventos, formas alternativas de experiências turísticas [...]" (2009:2).

A investigação no domínio do turismo estava a virar-se para novos espectros e a expandir-se, mas seria impossível explicar este sucesso sem fazer referência à pós-modernidade nas ciências sociais e reconhecer a influência dos autores que a moldaram nos últimos anos, estudando mundos mais interligados, com uma ampla circulação humana, de capital e informação. A lista seria longa, mas deve certamente ser destacada Scott Lash e Jhon Urry, (*Economies of Signs and Space*, 1998), que se referem à emergência de mobilidades capitalistas

desorganizadas e a um mundo cada vez mais interligado; a Arjun Appadurai (*Overflowing Modernity*, 2001), que se refere à globalização e à forte ruptura entre tradição e modernidade, chamando em particular a atenção para a influência dos meios de comunicação de massas e da migração; David Harvey (*The Condition of Postmodernity*, 1998) da sua parte, faz um amplo percurso sobre a globalização, o uso do espaço e do tempo, bem como sobre as mudanças no consumo; Jean e Jhon Comaroff que refletem sobre estudos antropológicos e visões do colonialismo como uma mudança dialética, embora desigual, em *Of Revelation and Revolution* (1991); Immanuel Wallerstein (1998 [1991]) faz enormes contribuições sobre o sistema-mundo e a geopolítica num período de capitalismo predatório; e inevitavelmente, Zigmundt Bauman (2002 [2000]), que foi um dos sociólogos mais prolíficos a explicar a transição de um capitalismo institucionalizado para um capitalismo líquido, no qual a mudança foi cada vez mais rápida, fluida e tecnológica.

## 2.2 Sociologia da Tradução e ANT

Em meados da década de 1980, surgiu a Teoria Ator-Rede. Michel Callon, o seu precursor central, descreve em "Elementos para uma sociologia da tradução. A domesticação das vieiras e dos pescadores da Baía de Saint-Brieuc" (1986) os seus elementos centrais a partir do que ele então chama "Sociologia da Tradução", uma busca para homogeneizar (tornar simétrica) a relação entre natureza e sociologia, entre o homem e as coisas. Neste artigo, o autor explica os princípios do que será a ANT a partir dos resultados e da proposta metodológica da sua investigação:

"O primeiro (agnosticismo generalizado) [...] permitiu-nos evitar a primeira das dificuldades demonstradas por estudos recentes da sociologia da ciência: não nos permitimos apreciar ou julgar as posições dos atores ou reduzi-las a uma interpretação 'sociológica' [...]. O segundo princípio (simetria generalizada) levou-nos a não alterar a grelha de análise para estudar as controvérsias sobre a natureza e as controvérsias sobre a sociedade [...]. Não recorremos a fatores sociais, normas ou configurações institucionais ou organizacionais para explicar as possibilidades de abertura ou encerramento de discussões [...]; quanto ao terceiro princípio, a livre associação, permitiu-nos seguir, sem fixar, todas as variações que afetaram as alianças [entre os atores]. Não só

deixámos flutuar a identidade das vieiras ou dos pescadores, bem como a representatividade dos seus intermediários e porta-vozes, mas também deixámos que se desenvolvessem relações imprevisíveis entre estas diferentes entidades". (1986, 201-203, tradução própria).

Desta forma, ficavam estabelecidos o que – com nomes que mudam frequentemente – foram considerados como três princípios nevrálgicos da ANT: 1) Evitar a posição "erudita" de investigador que interpreta tudo ou é capaz de "explicar" algo a priori, e substituí-lo pela dúvida constante, por agnosticismo que antes de oferecer certezas, oferece dúvidas que contribuem para a compreensão de um fenómeno, uma tarefa complexa no mundo académico; 2) Simetria generalizada, que requer atribuir o mesmo valor a todas as observações e a todos os atores sem que um seja mais importante que outro: o papel de um instrumento, por exemplo (uma enxada, um quadro negro, um mapa ou um abridor de latas) é tão substancial como o dos atores que o seguram ou invocam. Ao mesmo tempo, as teorias que cada ator elabora ou constrói são tão valiosas se forem provenientes das chamadas Ciências Naturais como das Ciências Sociais. Os autores insistirão que existe uma falsa separação entre estes dois ramos do conhecimento "objetivo" e "subjetivo" e defenderão a sua reunião; 3) a Associação Livre (também entendida como a rede, ou entrelaçado), tem um dos papéis mais destacados, pois é o que nos permite compreender o funcionamento destas associações: é possível que uma ferramenta (a enxada, por exemplo) nos leve a questionar a sua origem e assim compreender que outros atores – talvez agora invisíveis – foram transcendentais em algum momento da formação da rede: quem a pôs lá? Com que objetivo? As associações também permitem destacar um conceito ao qual Latour dará muita força: as caixas pretas, objetos que parecem irrelevantes até revelarem a rede de atores dentro delas: é muito claro o exemplo do computador que deixa de funcionar e aponta para a existência das peças sobressalentes, a capacidade do engenheiro para o reparar, ou a eletricidade necessária ao seu funcionamento, bem como o seu poderoso papel no processo de troca de informação.

Nos anos seguintes, o trabalho de Callon, Bruno Latour e John Law estaria centrado na explicação dos processos de tradução, nos Modos de Ordenar e os Coletivos: para estes autores cada ator tem objetivos próprios que, ao encontra-se com os de outros, sofrem "processos de tradução" e se reconfiguram.

As traduções têm uma evolução que vai da problematização da formação do interesse, depois ao envolvimento e conclui (ou não) com a mobilização: quando vários atores partilham visões, então são criados Coletivos, que atuam num espaço e o modificam. Desta forma, a ANT coloca a agência no centro – o poder de liberdade, ação e decisão de cada ator – em oposição à estrutura, o que implica a inflexibilidade da noção de "sistema", como um conjunto inamovível de relações e elementos.

Quanto aos Modos de ordenar, os autores descrevê-los-ão como uma série de crenças próprias –dos atores, por vezes partilhadas nos Coletivos– que explicam a realidade para cada um, criando assim repertórios culturais particulares: a realidade é então conformada com a soma das diferentes visões dos atores e é compreendida de acordo com as suas histórias pessoais. Daí a dificuldade de reunir os Coletivos que trabalham em conjunto.

A ANT será conformada, já nos anos noventa, como uma ferramenta metodológica, mas também como uma teoria, apesar da insistência dos seus proponentes em não a transformar em tal (ver, por exemplo, o texto de John Law: Actor Network Theory and Material Semiotics, 2009), cujo preceito central seria debater o "acordo modernista" e o domínio científico do Ocidente perante o resto do mundo. Neste sentido, a ANT é também marginal em relação ao eurocentrismo e crítica das suas próprias origens.

Outro texto fundamental seria Nunca Fomos Modernos. Ensaio de antropologia simétrica (Latour 2012 [1991]) em que Latour insistiria na necessidade de atribuir a natureza e as questões sociais, o mesmo espaço. O Parlamento das Coisas seria uma das suas insistências a partir de então:

"Não temos de criar este Parlamento da cabeça aos pés [...] basta reajustar as duas metades deste símbolo quebrado por Hobbes e Boyle [...] Metade da nossa política é feita em ciência e tecnologia. A outra metade da natureza é feita em sociedades. Vamos juntar os dois e a política pode recomeçar". (2012: 210).

Com base em estudos de casos e não em pura teoria, os proponentes da ANT insistirão nos seus princípios. Em "Aramis ou Amor pela Tecnologia", por exemplo, Latour conta a história de quem matou Aramis, um projeto de 20 anos do governo francês para desenvolver um sistema de transporte ferroviário totalmente automatizado, e explica as suas descobertas em termos práticos:

"Tentei oferecer aos humanistas uma análise detalhada de uma tecnologia [...] para os convencer de que as máquinas à sua volta são objetos que merecem a sua atenção e respeito. [...] Tenho tentado mostrar aos técnicos que nem sequer podem conceber um objeto tecnológico sem ter em conta a massividade dos humanos com todas as suas paixões e políticas e erros de cálculo, e que ao tornarem-se bons sociólogos e bons humanistas poderiam tornar-se melhores engenheiros. [...] Finalmente, tentei mostrar aos investigadores das ciências sociais que a sociologia não é a única ciência do ser humano [mas] que ela pode acolher turbas de não humanos com as mãos abertas [...] Ao abrir-se para incluir objetos, o laço social é reforçado tornar-se-ia menos misterioso" (Latour 1996 [1993]:VIII, tradução própria).

### 2.3 ANT, Turismo e América Latina

A enorme variedade da investigação realizada na Europa desde o Tratado Antártico nos anos 90 e a primeira década dos anos 2000 já é inabarcável. No entanto, para o turismo, é possível apontar um nó da sua própria rede na Universidade de Wageningen, Holanda, começando por Van der Duim, que publicou *Tourismscapes* em 2006, no qual analisou quatro casos: Quênia, Holanda, Costa Rica e Tanzânia, concluindo que a sustentabilidade do turismo requer primeiro um reforço dos seus "modos de ordenação" entre a sua rede de atores. Em 2007, Johannesson fará um estudo de caso na Islândia, sobre a economia do turismo. Alguns anos mais tarde, Ren (2009) fará uma análise sobre a forma como o turismo é construído numa cidade polaca a partir de um ator: o queijo. Estes três investigadores editaram, em 2012, *Teoria Ator-Network e o Turismo. Ordenamento, materialidade e multiplicidade* e têm sido fortes mediadores e promotores de trabalhos como os de Simoni (2012) ou de Morales (2014).

A partir de meados dos anos 2010 em diante, a ANT é cada vez mais reconhecida como base para estudos no terreno. Como explicou Russo (2016), falando das "novas fronteiras dos estudos turísticos" e referindo-se a três que, para ele, realocizaram estudos no setor: 1) a virada das mobilidades, referindo-se a obras que resignificam as formas de viagem; 2) a virada performativa, interessada antes em saber o que acontece em torno do turismo, por oposição ao que acontece ao próprio turismo, e na qual o autor inclui a ANT que, diz, desloca "o foco da

investigação em turismo do "turista" para as pessoas, animais, objetos, máquinas e eventos que através das suas múltiplas relações determinam o lugar em que os turistas atuam" (2016: 22), e 3) a virada criativa, na qual propõe que a criatividade permite evitar a reprodução banal de culturas e lugares.

Quanto aos trabalhos desenvolvidos com a ANT na América Latina, a lista é crescente e este artigo não pretende fazer uma radiografia dos mesmos, mas tão somente exemplificar o seu crescimento, alcance e interdisciplinaridade: como bem seria chamada a atenção da própria Teoria do Ator-Rede, o quadro estende-se lentamente da Europa através de diferentes influências, gerando nós e redes pelo continente, sem ter sido o turismo o sujeito precursor, nem os latino-americanos os seus primeiros investigadores: é possível que Gerard Verschoor (da Universidade de Wageningen também) tenha sido primeiro a aplicar a ANT no México, em 1997. Na sua tese, *Tacos, Tiendas and Mezcal. An actor-network perspective on small-scale entrepreneurial*, o investigador relata o desafio de ser um pioneiro:

"Este quadro analítico —a teoria ator-rede— tinha sido desenvolvido no contexto dos estudos sociais da ciência. No entanto, restava saber se poderia ser utilizado frutuosamente para o estudo de pequenas empresas. Esta tese foi, portanto, em parte, uma luta para 'traduzir' a Teoria da Rede-Ator para o campo das pequenas empresas e particularmente a sua dinâmica e viabilidade. Os conceitos que utilizei para abordar estas questões incluíam: redes globais e locais, pontos de passagem obrigatórios, convergência, momentum e coletividade". (Verschoor 1997: 226).

Em 2017, Lacruz, Américo e Fagner publicaram uma análise de trabalhos produzidos no Brasil a partir da ANT e relacionados com estudos organizacionais. O seu texto analisa 15 artigos em 6 revistas científicas e identifica que esta teoria chegou ao país por volta de 2009 com base no trabalho do brasileiro Rafael Alcadipani da Silveira, quem haveria estudado na *Manchester School of Management*, onde teria entrado em contato com a ANT, evidenciando assim que o contágio teórico também ocorre durante a viagem. É de salientar que, dos artigos estudados, nove eram de natureza teórica (de 2005 a 2015), e seis de natureza empírica (entre 2010 e 2015; o primeiro caso baseado no Brasil, em 2013), o que nos faz pensar na introdução teórica do tema e na sua

posterior aplicação. Também chama a atenção que os autores utilizam uma Análise de Redes Sociais (Análise de Redes Sociais: densidade, centralidade da coesão, também conhecida como ARS) ... para a Teoria do Ator-Rede. Na sua análise qualitativa, descobrem como uma rede de "produção de investigação" é montada através de contatos entre tutores: "a relação de 'orientação' [a orientação de um tutor] aparece objetivamente como um traço que ajuda a descobrir esta rede" (2017:585, tradução própria) e explica como o conhecimento viaja.

As abordagens à ANT na América Latina não têm sido apenas administrativas, mas de uma miríade de tópicos: Pineda (2012), a partir de um trabalho de graduação, estudou a resposta dos vizinhos do Barrio Viel, em Santiago do Chile, à pressão imobiliária, chamando a atenção para o papel dos mediadores como atores-chave; Lamberti (2014) trabalha sobre a pressão das empresas mineiras no Estado de San Luis Potosi, México, em relação ao povo Wirikuta e faz uma análise etnográfica profunda que nos remete aos espaços da globalização e do conflito social; Lowell e Adams (2016), relacionam ayahuasca e ANT numa aldeia da Amazônia brasileira. Os autores estudam o Santo Daime, uma religião em expansão na Europa e nos Estados Unidos, exportando o consumo sacramental da ayahuasca, e levam o próprio ANT a espaços que vão para além do corpóreo:

"A divisão naturalizada entre corpo e mente dissolve-se à medida que seguimos os atores através de diferentes espaços: terrestres (a superfície da terra), corpóreos (o corpo e os seus sentidos, como um conjunto de janelas para o mundo) e cósmicos (a experiência partilhada e intensamente subjetiva de uma viagem sagrada)". (2016:140).

Por seu turno, Palacio (2017) também faz um poderoso híbrido entre ANT e ARS para analisar as redes em torno da defesa do ambiente e perguntar como essas redes podem ser construídas e o que importa sobre elas; Rumé (2018) combina literatura antropológica sobre infra-estruturas e ANT para analisar o processo conflituoso da implementação de um eléctrico na cidade de Cuenca, Equador; Hill (2018) irá utilizá-lo para interpretar o discurso patrimonial em Havana Velha do resgate da "Plaza Vieja", um espaço através do qual atores, mapas, identidade, coisas, edifícios e associações, entre outros, se cruzam.

Sapag (2018), por outro lado, irá utilizá-lo para

compreender a relação entre atores num espaço de conservação no Aconcágua chileno:

"É uma motivação extra, também, contribuir com provas fiáveis de que esta corrente de pensamento originada no final do século passado é uma plataforma propícia para abordar problemas sócio-ecológicos complexos". (Sapag 2018: 3).

Este trabalho, totalmente centrado na ANT, reúne ecologia e questões sociais num mesmo olhar e centra-se no processo de tradução para estudar áreas protegidas, tropeiros, organizações não governamentais, conservacionistas, regulamentos e outros habitantes. Também sobre questões de conservação, o trabalho de Besana, Fernandez e Montserrat (2020) sobre um conflito entre as associações conservacionistas versus a utilização de uma zona dunar e a influência dos discursos hegemónicos: Modernização Ecológica versus Ecologia da Conservação.

A ANT surge assim no continente como uma ferramenta poderosa para objetos de estudo muito diferentes, embora não seja usada ao pé da letra nem como metodologia principal, como no caso de Larsimont (2018) que a utiliza para analisar a produção da natureza ao longo do tempo, muito de acordo com a teoria de David Harvey. O autor faz um interessante trabalho no Vale do Uro, Mendoza, Argentina, para desvendar o processo de transformação da paisagem a partir da "análise da circulação da água" em que as vinhas, a produção agrícola industrial, os empreendimentos habitacionais de luxo, a estética, o hedonismo e os movimentos internacionais de capitais são os atores centrais. Sem dúvida um excelente trabalho para compreender o capitalismo e a globalização: "os fluxos de água, capital e poder tendem a ser materialmente unidos" (Swyngedouw, 2004, *apud* Larsimont 2018: 91).

Como o anterior permite supor, a ANT coloca o foco em certos objetos de estudo como ponto de partida da investigação, mas a sua característica central é alargá-los para gerar visões contextuais, evitando olhares preconceituosos e monodisciplinares. Como especificado na visão de Latour (2008 [2005]), a ANT é útil para o estudo de "fenômenos complexos". A adoção de uma única abordagem disciplinar seria o seu próprio fracasso.

Os trabalhos que têm sido realizados no turismo ou em relação a ele torna isto claro e abre um tema que será referido mais tarde: a necessidade de sair do

"campo" do turismo e mesmo de pôr de lado "setores" para ir em busca do todo. Ponce (2014) é sem dúvida um dos pioneiros no campo do turismo na América Latina, mas provém dos estudos urbanos. Na sua tese sobre a montagem urbana do turismo em Quito, Equador, afirma que a investigação turística é

"um fato social, urbano e heterogêneo [que] tem sido muito pouco estudado e a visão que poderia ser considerada panorâmica neste trabalho, mostrou que há muitos atores-rede que implantar e dar conta de novos conjuntos urbanos que estão a surgir" (2014: 124).

Morales (2012a, 2012b, 2014) analisou principalmente a transformação do espaço rural com o turismo como um efeito do fenômeno globalizante e a expansão do capitalismo. A este respeito, é a seguir detalhado. Por seu lado, Hernández (2015), num trabalho de pós-graduação, faz um breve estudo no qual mistura a ARS com a ANT para analisar a atividade turística no Vale de Toluca, também a partir do planejamento urbano. Lyra (2016) também relata as transformações urbanas decorrentes do desenvolvimento de um polo tecnológico, a construção de museus e obras de infra-estruturas turísticas a partir de uma abordagem cultural que adota a ANT.

Outro texto relevante, embora toque no turismo de forma bastante tangencial, é o de Villegas (2017), que realiza uma análise na web sobre "saberes de viagem", ou seja, a forma como os viajantes de longo prazo dizem como conseguem a sua sobrevivência econômica enquanto viajam e fazem disto uma forma de transmissão de conhecimentos através de redes sociais, blogs, etc.

"A TAR [ANT] foi utilizada para relatar como as tecnologias de informação e comunicação -TIC- modificaram as formas de construção do conhecimento e como assuntos apropriados a tais tecnologias na construção de tal conhecimento" (2017: 39).

É de alguma forma uma observação etnográfica dos viajantes na rede que é muito singular, complementada pelos "plugins" dos algoritmos (mediação algorítmica) e a "agência das plataformas". Um trabalho de campo, na virtualidade.

Em 2019, também no Brasil, Chaves e Amantino realizaram um estudo semelhante ao de Adonai, Bruno e Fagner (2015), mas no turismo. É impressionante que quatro anos mais tarde, a quantidade de trabalho com a ANT teria crescido tão

significativamente. Os autores, procurando na web as expressões *Network-Actor Theory, Translation, Generalized Symmetry and Performativity*, encontraram 57 artigos internacionais em revistas científicas brasileiras. A sua análise torna clara a forte presença europeia (dos artigos revistos, existem apenas três autores de instituições latinas), e é de notar que apenas se faz uma pesquisa de termos, mas não se avalia necessariamente a sua qualidade. Os autores, contudo, concluem que a ANT requer trabalhos extensos, como dissertações ou teses e não artigos. Relativamente aos temas, estabelecem que, "os estudos da ANT centraram-se na descoberta da autenticidade, da composição complexa do fenômeno turístico e das suas múltiplas formas de organização" (2019: 160).

Desta forma, foi proposto um estado da arte muito breve em relação às obras da última década no que corresponde à utilização da ANT como instrumento teórico-metodológico, principalmente na América Latina. Como se poderá observar na maioria das obras, a ANT continua a ser uma ferramenta útil no terreno, que, como Latour detalhou há mais de uma década, "prefere viajar lentamente, em pequenas estradas, a pé, e pagar os custos de qualquer viagem a partir de seu próprio bolso". (Latour 2008: 23).

### 3. A ATRATIVIDADE DA ANT PARA O TURISMO

A *simetria generalizada* é sem dúvida um dos aspectos mais atrativos da ANT para os investigadores de turismo: a importância das "coisas" –sejam elas atrações turísticas, infra-estruturas, paisagens ou natureza– é evidente neste setor onde são oferecidas experiências, relações culturais ou atividades ao ar livre. Sem os atores, a análise do turismo limitar-se-ia ao que foi focado durante anos no passado: relações sociais, desigualdades econômicas e, em geral, dicotomias: positivo-negativo; bom-negativo; hóspede convidado. Deve-se reconhecer, contudo, que os objetos como atores já tinham sido claramente enunciados por MacCannell (2003 [1976]) em *The Tourist*, um livro paradigmático e pouco conhecido. Aí, o autor destacou a forte relação entre pessoas e objetos: como esquecer o processo de "sacralização" a que se refere ao apontar a origem dos produtos turísticos: "os marcadores podem assumir formas muito diferentes: guias, placas de informação, apresentações de slides, documentários de viagem, caixas de fósforos como lembranças, etc."

(2003: 56). MacCannell elaborou em grande detalhe a relação entre estes objetos e os humanos, embora nunca lhes tenha dado poder de agência. Talvez seja por isso que a ANT chegou ao turismo como um anel ao dedo: porque compreende agora a possibilidade de que também atuem, acionem e modifiquem o entorno em que se localizam.

A *visão de rede* é a segunda: em particular, a partir do estudo do turismo na Iberoamérica (entenda-se aqui principalmente Espanha e Organização Mundial do Turismo), tem se tomado como eixo central o conceito de "sistema", o qual, ainda que não visto de uma perspectiva parsoniana, faz pensar numa série de elementos que interagem de formas diferentes, mas são mais ou menos os mesmos em cada "sistema turístico". A realidade, as tipologias de viagem (voluntária, natureza, sustentável, alternativa, agroturismo, feira, massa, etc.) e a maior profundidade de análise mostraram que o prescritivo é o menos útil para a análise do assunto: é evidente a necessidade de integrar novos atores como a natureza, o conservacionismo, a biologia, os estudos culturais, a sociologia, a antropologia, as tecnologias da informação ou a ecologia, entre muitos outros. Sem integrá-los, como podemos explicar a deslocalização, animosidade, globalização, desigualdade económica ou fluxos de informação e capital? A rede permite, sem dúvida, uma visão interdisciplinar que o antigo "sistema" não permite ("sair do molde").

Numa terceira instância, embora remota, pode-se citar as formas de ordenação e os processos de tradução. Embora central para a Teoria da Rede-Ator e muito eficaz na compreensão de como os coletivos são construídos e da forma como funcionam, ainda há pouca investigação que aborde cada um destes termos em pormenor e os aplique a redes de intervenientes turísticos com base em poderosas análises etnográficas. Esta tarefa é possivelmente uma tarefa pendente e a sua importância é crucial:

A ideia não é "mostrar a 'grandeza' de um homem, mas descrever como é construído um 'grande homem'" (Latour, 1998). Seguindo os atores, permanece evidente que os projetos não se enquadram numa estrutura, mas são conceitos progressivos: não há forma de os compreender claramente sem ter em conta o trabalho contínuo e incremental de contextualização". (Verschoor 1997: 231-232).

Face aos aspectos mais atrativos para o turismo, a cautela em relação às suas críticas: em 2017, Ren,

Van de Duim e Johannesson escreveram um artigo recapitulando as lições aprendidas 10 anos após o primeiro artigo sobre ANT publicado pela prestigiada revista científica Elsevier. Os autores referem tanto as críticas como os reconhecimentos recebidos, salientando de Michael (2017) que a ANT é atualmente um quadro conceptual e metodológico que muitos escritores se sentem obrigados a referir. Depois prosseguem no seu artigo, para debater:

"Três aspectos que ilustram as controvérsias conceptuais da ANT relacionadas com o seu progresso nas ciências sociais: 1) o estatuto social e a agência de objetos e não-humanos; 2) a negação do poder explicativo da ANT sobre as estruturas sociais e a insistência que a configura como uma "teoria com uma abordagem fraca", e; 3) as implicações políticas da ANT (2017: 140).

Existe, no que se refere a isso – e como em todas as teorias – um debate sobre a sua pertinência. É também é lógico que o seu eixo central seja o primeiro ponto de controvérsia. A partir da experiência – tenta-se explicar na secção seguinte – a transcendência de objetos e não-humanos é clara na montagem de uma rede: pensemos, por exemplo, no papel de um computador ou de um telefone "inteligente" na recente pandemia que teve (têm e provavelmente terá) mais de três mil milhões de humanos em quarentena nas suas casas, na função de uma máquina que polui, de uma árvore - ou de uma floresta - que gera oxigénio e absorve CO<sub>2</sub>, de uma máscara ou mesmo de fenômenos como as alterações climáticas. Poderíamos explicar o surgimento da COVID-19 sem eles? Desde logo – ao menos para a ANT – uma discussão teórica é muito menos valiosa do que o próprio estudo de caso, onde serão vistos como estando em ação. Ainda mais, vale a pena considerar a parte espiritual (Lowell e Adams 2016), que influencia irremediavelmente a forma como o mundo muda e se transforma.

É também necessário acrescentar que os não-humanos e os objetos não têm agência própria em si: atribuímos-lhes um valor e nas nossas redes de atores, com os quais adquirem papéis importantes tanto na tomada de decisões como na forma que damos ao nosso mundo: por exemplo, a não utilização de uma máscara, hoje em dia, tem acarretado desde multas à mortes – violentas, e não por contágio – e é uma máscara, uma peça têxtil desarmada, que está carregada de significados e participa na forma em que os discursos e as práticas



humanas são gerados: "as entidades materiais e os objetos são necessários para que a agência seja revelada, mas não atuam por si próprios" (Ren, Van der Duim e Johannesson 2017: 141). Como o próprio Latour explica, citado no mesmo artigo: "Ser simétrico [...] significa simplesmente não impor a priori uma assimetria espúria entre a ação intencional do humano e um mundo material de relações causais" (2005: 76 em Ren, Van der Duim e Johannesson 2017: 141). Trata-se simplesmente de lhes dar o mesmo valor analítico.

Quanto aos outros dois –poder explicativo e implicações políticas–, não é do interesse deste artigo entrar nesse debate, mas sim sublinhar que para além daquilo a que eles chamam "fraqueza" perante as estruturas sociais está o extraordinário poder de observação antes do julgamento. É possível que se parta então de uma noção epistemológica ("*Modo de ordenar*") diferente sobre a construção do conhecimento: o conhecimento "científico", sobre o conhecimento "prático" e, definitivamente, o já referido debate sobre "a razão" da ciência e a subjetividade do conhecimento científico (Latour 2012). Para uma maior análise sobre o assunto, é recomendável a *Esperança de Pandora* (2001 [1999]), deste autor.

Para a ANT o interesse central está em como, mais do que em "*o quê*": antes de emitir um julgamento, insiste que será necessário tomar a opinião e a visão (formas de ordenar) do maior número possível de atores. Daí a sua máxima de "quanto mais informação, mais certeza" (Latour 2008) e da forma como cada ator molda o seu próprio mundo. Se a fraqueza reside em não tomar partido a priori, então que seja bem-vindo na procura da capacidade de ouvir e face aos preconceitos que todos nós formamos. Em suma, como Ren, Van der Duim e Johannesson o afirmam:

"os estudos inspirados pela ANT não estão interessados em delimitá-la ou explicar o que 'ela é', mas em como 'funciona' e como se expande, e interfere com outras realidades; como se reúne, age, e se ordena; como se mantém coesa, e como se desintegra". (2017:144).

#### 4. APLICAÇÃO PRÁTICA

O autor deste artigo iniciou os seus estudos de doutoramento em 2010, com uma experiência muito limitada no campo das ciências sociais, uma pós-

graduação em Ecoturismo, uma licenciatura em Comércio Internacional, cinco anos de experiência nos campos do turismo e áreas rurais, bem como dois anos de experiência de trabalho em cooperação internacional no Peru. Com pouca experiência de investigação, ser confrontado com temas como sociologia, educação ou antropologia foi uma experiência frustrante no início.

Nos dois primeiros anos, foi construído um quadro de investigação a partir da antropologia, no entanto, depois de se encontrar novamente com um artigo (descoberto logo no início do programa de doutoramento, e incompreensível nessa altura) por Molotch, Freudenburg e Paulsen (2000), que analisaram "porque é que a história se repete" e aprofundaram uma investigação da tradição e do carácter local de dois locais na Califórnia com uma relação interessante com a ANT, as peças foram integradas quase ao mesmo tempo e a serendipidade (Fine e Deegan 1996) levou à descoberta da teoria do Ator-Rede.

A partir desse momento, o contacto com o Dr. René Van der Duim e os trabalhos de alguns dos seus colegas, não só conseguiu o divórcio académico do tutor até esse momento, como também orientou a investigação para a análise da conformação do turismo no espaço rural a partir de dois estudos de caso, um no Peru e outro na Argentina (Morales 2014).

A compreensão da ANT teria sido muito complexa sem abordar estudos de casos específicos, contudo a maioria das leituras feitas explicaram em pormenor a sua aplicação no terreno. A investigação mostrou que o turismo pode ser analisado nesta perspectiva porque permite que a rede seja seguida muito para além do espaço "local": Nesta investigação tornou-se claro que a implementação do turismo tem atores substanciais nos chamados espaços "locais", mas também que as políticas internacionais (especialmente no Peru, através da Agência Espanhola de Cooperação – AECID), nacionais (Instituto Nacional de Tecnologia Agrícola, na Argentina, com fundos de apoio ao Turismo Rural), e regionais (Entidade de Turismo de Tucumán, com uma rota do artesão e programas na época de Verão) desempenham um papel transcendental para a institucionalização e intermediação do discurso sobre sustentabilidade: a rede é tecida a partir de um número infinito de espaços e isto pode ser mapeado numa rede.

Igualmente interessante foi descobrir que o termo "sustentabilidade" (ou *sostenibilidad*, mais

utilizado no Peru) é compreendido de formas muito diferentes entre os atores, e que à medida que se torna mais operacional, tem mais dissemelhanças com as interpretações governamentais ou acadêmicas: para alguns é uma noção relacionada com "a capacidade de gerar sustento" (Morales 2014), enquanto para outros tem uma justificação maioritariamente ambiental. Para isso, a análise do discurso foi também muito útil como ferramenta complementar.

Dos coletivos se analisou a sua estabilidade a partir dos seus acordos e desacordos: grupos de hoteleiros que não concordam sobre preços e políticas, autoridades que geram as suas próprias agendas –por vezes por detrás do próprio objetivo para o qual foram criados– ou grupos que consolidam e fecham as suas portas à entrada de novos elementos, e mesmo empresas que preferem manter o que foi descrito como "ruralidade fixa", a fim de preservar uma autenticidade fingida "para o turista que procura o original e ancestral", isto particularmente no caso do Turismo Rural Comunitário no Vale do Colca, no Peru.

Fisicamente, as redes de atores foram seguidas para as cidades emissoras de turismo mais próximas: embora o foco da análise fosse em duas populações (Tafi del Valle e o Vale de Colca) – que foram consideradas mais como uma "âncora de análise" do que como "locais de estudo"– a informação foi também recolhida em Arequipa e Tucuman, respectivamente. Uma das conclusões centrais foi sobre o importante papel dos "montadores" (Morales 2012a), pessoas com competências no tratamento de línguas – nativas ou estrangeiras– e capital intelectual ou cultural que lhes permite facilitar processos de tradução e negociações entre residentes e visitantes; entre locais e projetos externos.

A descoberta mais importante para o autor foi a que lhe permitiu conhecer o processo de construção do carácter do sítio e a sua conversão em produtos turísticos do ponto de vista simbólico: como é definido o que dá o "carácter" a um lugar e os elementos que representam um coletivo? Estes são imóveis? Quem decide quais são os elementos representativos do turismo? Como se decide o que é autêntico? Seguindo a rede que destacou e "descobriu" –por exemplo– o condor como elemento cultural e depois fez dele um produto turístico, foi possível compreender que existem debates e negociações entre grupos locais, e que estes decidem como a identidade é construída, mas que sem o reconhecimento dos visitantes, "produtos culturais" não se tornam "produtos

turísticos". Encontrar elementos como este (a dança Wittiti, os queijos, os menires, o típico traje Colca), também nos permitiu compreender que a autenticidade é também uma negociação em que há sempre uma correlação de forças (Morales 2012b).

Seguir todas as ligações através da observação e do processo etnográfico ajudou a compreender que as redes se consolidam através da transferência de informação e do trabalho dos atores: 1) transformar esta informação para construir novos conhecimentos e tomar uma posição de reinterpretação, ou; 2) transportá-la para contribuir para o crescimento da rede. Seguir a forma como estas redes são construídas também nos permitiu compreender a função dos objetos e dos não-humanos, como no caso da mulher japonesa que casou com um Tafinista (habitante de Tafi del Valle) e transmitiu a cerimônia da Câmara Municipal para o seu país de origem, graças a um computador. Graças a este computador, a sua família juntou-se à celebração e aumentou a rede, mas ao mesmo tempo, os objetos: internet, computador, câmara digital, tornaram-se atores e intermediários no espaço virtual.

O trabalho de campo permitiu-nos também descobrir as múltiplas formas de interpretar a realidade de cada ator e mesmo descobrir a relação do turismo com a história recente –a influência da ditadura na deslocalização e posterior valorização de uma série de menhires de origem pré-hispânica, por exemplo–, mas também com o cósmico, a começar pelo pagamento à terra que implica um modo de ordenação típica do mundo andino face a uma noção quase inexistente de sustentabilidade. Desta forma, foi cunhada uma visão do turismo como um fenómeno que faz parte da viagem –porque contém muitas das suas motivações: descoberta, ficção, procura de conhecimento, transitoriedade, lazer, curiosidade– em que experiências relacionadas – materiais e imateriais, em espaços emissores e receptores– a são comercializadas e consumidas de acordo com as características do processo expansivo do sistema económico predominante. O turismo, conclui-se, não é por si só um instrumento para reduzir a desigualdade, mas um reproduzidor das condições económicas e sociais existentes em cada espaço.

Em anos posteriores, fora do campo académico e bastante relacionado com o campo da consultoria e pequenas empresas, o conhecimento gerado pela ANT tem sido inestimável para a compreensão de múltiplos fenómenos sociais, mas também para o trabalho com

diferentes grupos, bem como para a compreensão de múltiplos processos de tradução da vida profissional diária, nos quais a capacidade de negociar e compreender é elementar. Como se reflete abaixo, a ANT deixou o espaço acadêmico para se posicionar como elemento central para a reinterpretação de um mundo com uma necessidade crescente de compreender a relação entre "os mundos" da natureza, da tecnologia e dos seres humanos, que não são – em última análise – mas um só. Neste, o princípio que tem sido tentado seguir é o de não se colocar ao serviço de algo ou alguém, como Ren, Van der Duim e Johannesson (2017) o descrevem:

"A ANT dá aos investigadores um papel muito mais ativo na construção não só do conhecimento sobre o mundo, mas também na construção do próprio mundo. Nesse sentido, a ANT vê sempre os investigadores como sujeitos que interferem com ela. Contudo, enquanto a 'metodologia a seguir' da ANT apela a uma maior proximidade entre investigador e investigado, esta proximidade não garante que a investigação 'sobre' práticas e organizações turísticas se torne algo 'para' e 'com' profissionais e organizações turísticas. (2017: 145, tradução própria).

## 5 APRENDIZAGEM E PERSPECTIVA

Já em 1984 Bourdieu insistia que "a sociologia desencanta", mas no sentido de fazer as coisas perderem o seu encanto ou deixarem de surpreender, de estar tão sujeita a julgamento. Para ele, esta ciência é "o oposto de outras ciências, já que estas servem para legitimar, para confirmar; em vez disso, a sociologia serve para questionar" (2002 [1984: 21]). Embora Latour tivesse argumentos sérios com a sociologia de Bourdieu e o seu tempo, certamente concordaria com esta avaliação, tal como teria concordado com o próprio Bourdieu que a sociologia não deve servir algo, porque isso implica servir o poder: A sua função, insistiu Bourdieu, "é compreender o mundo, começando pelo poder". (Ibidem: 28, tradução própria).

A investigação, argumentou Bourdieu, "é talvez a arte de criar dificuldades fecundas para si próprio - e de as criar para os outros. Aí onde há coisas simples, alguém faz com que os problemas apareçam" (Ibid: 58, tradução própria). Certamente que também aqui ele teria encontrado um ponto de acordo com Latour. E também o teria tido na insistência de que "existe uma leitura 'teórica' das obras de ciências sociais que

consiste em reter apenas as 'teses', as 'conclusões', independentemente do processo do qual elas resultam". (Ibidem: 39, tradução própria). O processo é sem dúvida a parte mais importante da investigação. Infelizmente, a investigação é avaliada principalmente pelas suas conclusões.

A utilidade da sociologia (e da ANT neste caso) é também dar espaço ao processo e, nesse sentido, permitir a leitura de um objeto de estudo a partir das diferentes perspectivas dos seus atores: é isso que o enriquece e não, como tem sido insistido, a autoridade e sabedoria do investigador. Pelo contrário, hoje em dia o investigador tem de ser um intérprete e compilador capaz de tecer uma rede de informação para dizer o que está nela: o que vê, sem dúvida, mas também o que os outros dizem sobre ela. O investigador que utiliza a ANT é mais livre, porque pode estabelecer relações entre muitos atores, mas também porque pode fazer geografia, etnografia, e mover-se entre campos disciplinares, de modo a poder dar-se ao luxo de quebrar os seus próprios paradigmas: essa é a vantagem de não estar limitado a uma única doutrina.

Atualmente, a maioria da investigação elaborada com base na ANT são contribuições de teses, sobretudo porque a sua metodologia requer tempo e espaço: tempo para viajar através da rede em que a informação é tecida, e espaço para relacionar em detalhe as percepções dos atores – humanos e não humanos – bem como para descrever os atores e os seus papéis. Em troca, tem a capacidade de abordar fenómenos complexos, multi-localizados, interdisciplinares e atuais. A sua própria recusa fundacional em evitar o a priori dos atores, dos acontecimentos que investiga, permite-lhe transitar por múltiplos paradigmas e conhecimentos por (entre, sobre, em) mundos terrestres, corpóreos e cósmicos, como Lowell e Adams mencionam (2016). A sua necessidade bem fundamentada é a de ouvir os atores.

Apesar da insistência múltipla, um dos erros comuns é a teorização da ANT. Como Latour assinala em *The Circulating Reference* (2001), qualquer cientista em frente à mesa do laboratório enfrenta a tentação de estabelecer categorias antes da análise: este é um desafio central a ser evitado. Vários colegas de investigação têm problemas em remover os seus óculos disciplinares ou em tentar teorizar o impossível. A utilização da Teoria do Ator-Rede é principalmente metodológica e deve ser centrada em

casos concretos. A teorização gera rigidez e isto, fixação de ideias. A ANT é procurada livre e elementar, observadora dos processos de tradução, respeitadora da simetria generalizada, seguidora das redes e tradutora dos modos de organização dos seus atores. John Law (2009) explica-o claramente:

"Primeiro: é possível descrever a Teoria do Ator da Rede em abstrato [...] mas perde o seu significado porque não é abstrata, mas baseada em estudos de casos empíricos. Só podemos compreender a sua abordagem se tivermos uma noção de tais estudos de caso e de como eles funcionam na prática. [...] Segundo, a abordagem da ANT não é teórica. As teorias geralmente tentam explicar porque é que algo acontece, mas a ANT é descritiva, em vez de fundacional em termos explicativos" (2009: 141).

Na literatura atual sobre ANT desenvolvida por autores latino-americanos é possível perceber a influência ainda forte dos textos saxônicos e mesmo nórdicos: há uma maior tendência para o aparecimento do autor como sujeito, textos mais descritivos e mesmo aspectos de forma nos documentos, tais como uma breve introdução em cada capítulo ou as conclusões parciais no final do capítulo. O autor deste texto não só enfrentou a questão da utilização da ANT na sua pesquisa, mas também o tratamento de formatos como o descrito, que "rompeu com o formato tradicional do documento de doutoramento". É importante questionar a superficialidade dos nossos formatos de escrita, não por causa da forma em si, mas como forma de argumentar contra as implicações que lhes estão subjacentes: paradigmas teóricos e contradições inerentes ao enquadramento educacional. Se não o criticarmos, como conseguiremos promover a transformação da academia, monólito ancestral que é, ao mesmo tempo, um motor de mudança e um defensor das tradições mais antigas?

Não há muito de paradoxo entre a academia que se abstém de autocritica face ao evidente fracasso curricular que separa o natural do social, e o homem de negócios que involuntariamente descreve o paradoxo da "sustentabilidade" dos seus vinhos: "Viajo para muitos países, e especialmente nos países asiáticos fico deprimido quando vejo tantos milhões de habitantes numa cidade. Mas sinto-me imediatamente encorajado pela ideia de que há mais pessoas a quem vender os nossos vinhos (risos)". (Entrevista com Alfonso Larraín, presidente da Holding Concha y Todo, em *Entorno Económico*, Abril de 2017,

citado por Larsimont 2018: 268). A contribuição dos estudiosos latino-americanos da ANT para a academia ainda parece uma tarefa pendente: quando é que analisamos as redes, os atores e as práticas da própria academia a partir desta teoria?

No velho continente, os proponentes da ANT evitam utilizá-la como um instrumento de análise único:

"hoje nenhum de nós faz 'investigação em ANT' como fizemos nos nossos doutoramentos. Em vez disso, usamo-lo como um recurso, combinado com outras correntes de pensamento: 'movemo-nos com' (em oposição a 'movemo-nos de') o ANT na nossa investigação" (Ren, Duim, Johannesson, 2017:156).

Nesse sentido, faríamos bem em seguir o conselho de Villegas (2017):

"Sair da camisa de forças das disciplinas significará sobrevoar terrenos conhecidos ou desconhecidos desprovidos de óculos de proteção e tentar explicações que ligam em vez de dividir, que integram e que emaranham em vez de 'analisar', para isso a TAR [ANT] tem sido uma boa porta de entrada, mas, se necessário, será deixada à margem para avançar em entendimentos cada vez mais completos de fenómenos cada vez mais complexos" (2017: 56).

Na América Latina, o número de obras baseadas na Teoria Network-Ator ainda é minúsculo. É evidente que, como consequência, a teoria é desconhecida de grande parte do universo acadêmico, apesar da enorme oportunidade que representa para avançar —e debater— o conhecimento.

Atualmente, uma vez que a informação não provém exclusivamente de fontes bibliográficas, mas de um número infinito de origens, os atores e redes são essenciais. A ANT ou os seus sucessores poderiam mesmo propor novos arquétipos para a investigação e debater o próprio método científico. A oferta da ANT existe para nos ajudar a compreender (e explicar) que o mundo não está isolado e que, pelo contrário, se o queremos decifrar, precisamos de alargar as redes de atores e ir além do nosso conforto, não só físico, mas também teórico e mental.

No que diz respeito ao turismo, os riscos são elevados: há anos que se insiste na criação de uma "ciência do turismo" ou turismologia. Esta visão apenas reforça a segregação da investigação, precisamente numa altura em que temos uma

necessidade urgente de uma compreensão holística do mundo e dos seus fenómenos. Face a isto, é necessário propor a reconstrução do corpo disciplinar e curricular que o estuda, acrescentando-lhe, entre muitas outras, vozes que insistem na necessidade do turismo regenerativo (Pollock 2020), para além do discurso retórico e repetitivo sobre a sustentabilidade.

É necessário debater a "*des-turistificação*" do mundo e propor um planeta mais ligado que diluiria os castelos disciplinares da Idade Média (Wallerstein 1998). É urgente criar espaços onde "homens com aparelhos auditivos" –como Mason (2019 [2015]) descreve os sujeitos cibernéticos que terão um papel preponderante na montagem do pós-capitalismo– possam em-red-arse com os defensores da agricultura regenerativa e aqueles que já criam novas alternativas a partir de espaços sociais, colaborativos e não apenas da academia.

Na investigação turística, é essencial debater as noções simplistas que a descrevem como o que acontece àqueles que deixam o seu local de origem entre 24 horas e 365 dias, "para fins de lazer, e outras razões não relacionadas com o exercício de uma atividade remunerada no local visitado" (SECTUR 2020), a fim de aprofundar a análise da multiplicidade de ações que se realizam durante a viagem e os novos estilos de mobilidade e de deslocamento: são necessários estudos e políticas que distingam os viajantes dos residentes em trânsito, dos migrantes temporários, dos requerentes de lugares, dos voluntários e daqueles que participam e colaboram na concepção de novos espaços de aprendizagem e desaprendizagem.

A investigação sobre turismo na América Latina deve mudar, e embora uma perspectiva do seu estudo a partir da ANT seja encorajadora devido à sua visão contextualizadora e abrangente, a realidade é que quase não existem espaços de reflexão que a proponham: a formação em turismo emana, principalmente de um ponto de vista económico. Como podemos entender hoje o turismo "sustentável" sem alterações climáticas, antropologia, biologia, feminismo ou semiótica? Por vezes, parece que aqueles de nós que trabalham na sociologia do turismo estudam o capitalismo, pensando nele sem realmente o compreenderem, mas insistimos em crer(mos) que algo de bom sairá de tudo isto, apesar de tudo no esquema das coisas reiterar a necessidade de transformação.

Se o palco entre o final da Segunda Guerra Mundial e o final dos anos 80 foi visto pela maioria dos atores hegemónicos como um palco de possibilidades ilimitadas de crescimento, a segunda década do século XXI começa a ser vista como a do pico do pensamento desenvolvimentista, em que a realidade devolve à humanidade a sua posição de simetria perante a natureza e chega o momento de pagar o preço: a disponibilidade limitada de energia e minerais (González 2020), ainda mal compreendida por uma boa maioria da população, é mais do que evidente.

Face a este cenário, Latour (2017) insiste na importância de compreender Gaia (a Terra), não a partir de uma visão espiritual, mas a partir de uma entidade soberana: um "corpo político inclusivo de não-humanos" (Latour, Milsteinb, Marrero-Guillamón e Rodríguez-Giraltd, 2018: 353). Um "Novo Regime", com "uma política que move os indivíduos para o compromisso e o diálogo ativo, não impulsionado pela ideologia, mas pela própria ação e participação interativa. (Ibid, 2018: 353).

## 6 CONCLUSÕES

A ANT chegou para proporcionar uma nova forma de pensar. De certa forma, é um apelo à atenção para que os estudiosos da natureza reinterpretem a posição do ser humano nela, mas também para que aqueles que analisam o social compreendam a centralidade do natural; é, acima de tudo, um convite aos investigadores para trabalharem de uma perspectiva interdisciplinar.

Para os jovens investigadores, é um apelo a abrir a porta à etnografia e a levá-la para novos campos de conhecimento. Uma vez demonstrada a sua força analítica nos estudos da ciência, propõe-se a sua integração como instrumento de investigação noutros temas, porque a corporeidade e os incorpóreos estão por toda a parte. A ANT retoma o olhar da etnografia clássica nas civilizações de há muito tempo atrás (as cerimónias, o povo, as tatuagens, os ritos, os lugares) e leva-a à cidade, à ciência, aos laboratórios, ao turismo, à conservação, para dar voz a todos os atores –humanos e não-humanos– que moldam o nosso mundo: um presente em que as alterações climáticas, espécies animais, zoonoses, a Internet, pandemias, ondas magnéticas, espiritualidade, novas religiões, culturas regenerativas, entre muitas outras, têm uma

importância crescente nas nossas vidas. Mais do que seguir a ANT, ela própria se propõe a seguir os atores.

Apesar do trabalho realizado até agora, não parece haver uma escola na América Latina a trabalhar na produção de obras relacionadas com a ANT e o turismo. Nesse sentido, existe um espaço vazio a ser preenchido, mas é inquietante perguntar como poderia ser satisfeito, quando as universidades contemporâneas têm poucas pessoas novas, um mínimo de investigadores com dedicação integral e estão cada vez mais apostando num modelo de negócio em vez de na formação de pessoas. Uma oportunidade interessante abre-se, contudo: a da investigação deslocalizada, com múltiplos nós e uma grande rede de atores que participam, a partir dos seus próprios espaços e práticas, promovendo pontos de vista críticos e fora das disciplinas tradicionais. Isto geraria uma rede de investigação da ANT que é um arquétipo digno de si.

É possível que um primeiro esforço tenha sido feito durante os primeiros dez anos de Ator-Rede na América Latina, terá de ser visto se pode ser mantido. Em qualquer caso, ainda podemos esperar muito da ANT, enquanto os seus principais proponentes ainda estão de pé e em criação.

É possível, finalmente, que a ANT –e Latour em particular– fique na história como criadores da visão que nos lembrou, em pleno pós-modernismo e no século tecnológico, que o "Parlamento das coisas", uma espécie de animismo pós-moderno (devolvendo-lhe ao não-humano, a sua importância na vida humana e no planeta) é central para compreender o mundo, que a semiótica é essencial para nos compreender, e que a visão dos atores é crucial para ter uma melhor abordagem dos temas de estudo.

## BIBLIOGRAFÍA

- Appadurai A. 2001 [1996]. *La modernidad desbordada – Dimensiones culturales de la globalización*. Ediciones Trilce- Fondo de Cultura Económica Montevideo-Buenos Aires. 237pp.
- Bauman Z. 2010 [2002]. *Modernidad líquida*. Buenos Aires: Fondo de cultura económica. 232pp.
- Besana P., Fernández S., Monserrat A. 2020. Lo que el viento se llevó. No participación local y conflicto sobre un ambiente de dunas. *Telos: Revista de Estudios Interdisciplinarios en Ciencias Sociales*, ISSN-e 1317-0570, Vol. 22, Nº. 1, págs. 6-30
- Bourdieu P. 2002 [1984]. *Questions de Sociologie*. Les Éditions de Minuit. Paris. 277pp.
- Callon M. 1986. *Éléments pour une sociologie de la traduction. La domestication des coquilles Saint-Jacques et des marins-pêcheurs dans la baie de Saint-Breuc*. Version francesa de artículo por aparecer en John Law (Ed.) *Power, Action and Belief: The New Sociology of knowledge*. Sociological review Monograph 32. Keale and London University of Keale and Routledge and Kegan Paul.
- Chaves Delgado A., Amantino de Andrade, J. 2019. Teoria ator-rede (TAR) como instrumento de pesquisa em turismo: buscando aproximações e contribuições. *Revista Turismo - Visão e Ação*, VOL. 21 - N. 1 - JAN./ABR. 2019. Disponível em: <https://siaiap32.univali.br/seer/index.php/rtva/article/view/13758/7783>
- Cohen E. 1984. *The Sociology of Tourism: Approaches, Issues, and Findings*. Annual Review of Sociology, Vol. 10 (1984), pp. 373-392: Annual Reviews Stable URL: <http://www.jstor.org/stable/2083181> Accessed: 05/05/2010 09:10
- Comaroff J y Comaroff J. 1991. *Of Revelation and Revolution –Volume one Christianity, Colonialism and Consciousness in south Africa*. The University of Chicago Press. 434pp.
- Eco, U. 2009 [1982]. *Cómo se hace una tesis*. Gedisa. Barcelona. 240pp.
- \_\_\_\_\_. 2010. *El Péndulo de Foucault*. De Bolsillo. 820 pp.
- Fine G., Deegan J. 1996. Three Principles of Serendip: Insight, Chance and Discovery in Qualitative Research. En línea (Disponível em [www.ul.ie/philos/vol2/deegan.html](http://www.ul.ie/philos/vol2/deegan.html))
- González L. 2020. *Colapso del capitalismo global y transiciones hacia sociedades Ecomunitarias. Mirando más allá del empleo*. Fundazioa Manu Robles Arangiz. Bilbao, Epaña. Disponível em <https://www.economiasolidaria.org/reas-euskadi/biblioteca/colapso-del-capitalismo-global-y-transiciones-hacia-sociedades>. Consultado Junio 2020.
- Harvey D. 2008. *La condición de la posmodernidad: investigación sobre los orígenes del cambio cultural*. [1990] Amorrortu Editores, Buenos Aires. 408pp.
- Hernández, K. 2015. *Análisis de redes en la competitividad territorial de la actividad turística. Caso: Hoteles de cuatro y cinco estrellas en Toluca, Lerma y Metepec*. Tesis para obtener grado de licenciatura en Planeación Territorial. UAEMEX. <http://ri.uaemex.mx/oca/view/20.500.11799/49319/1/UAEM-FAPUR-TESIS-HERN%C3%81NDEZ-KAROL.pdf>
- Hill, M.J. (2018). *Assembling the Historic City: Actor Networks, Heritage Mediation, and the Return of the Colonial Past in Post-Soviet Cuba*. *Anthropological Quarterly* 91(4), 1235-1268. doi:10.1353/anq.2018.0064.
- Johannesson G. 2007. *Emergent tourism: an actor-network approach to tourism economies* (Tesis doctoral publicada) Department of Environmental, Social and Spatial Change Roskilde University, Denmark. 266pp.
- Lacruz, Adonai José, Américo, Bruno Luiz, & Carniel, Fagner.

- (2017). Teoria ator-rede em estudos organizacionais: análise da produção científica no Brasil. *Cadernos EBAPÉ.BR*, 15(3), 574-598. <https://dx.doi.org/10.1590/1679-395157007>
- Lamberti M. 2014. "Abajo del amanecer" el corazón del universo en disputa. El caso de la instalación de empresas mineras en Wirikuta. Tesis para obtener el grado de Doctora en Ciencia Social con especialidad en Sociología. Centro de Estudios Sociológicos. El Colegio de México.
- Latour B. 1996. *Aramis or the Love of Technology*. Harvard University Press. Cambridge, Massachussets & London, England.
- \_\_\_\_\_. 2001. *La esperanza de Pandora. Ensayos sobre la realidad de los estudios de la ciencia*. Gedisa, España. 382pp.
- \_\_\_\_\_. 2008. *Reensamblar lo social –una introducción a la teoría del actor-red*. [2005] Manantial, Buenos Aires, Argentina. 390pp.
- \_\_\_\_\_. 2012 [1991]. *Nunca fuimos modernos. Ensayos de antropología simétrica*. Siglo XXI Editores, Buenos Aires, Argentina. 221pp.
- \_\_\_\_\_. Cara a cara con el planeta. Una nueva mirada sobre el cambio climático alejada de las posiciones apocalípticas. Buenos Aires. Siglo XXI Editores.
- Latour B., Milstein D., Marrero-Guillamón I., Rodríguez-Giraltd I. 2018. *Social Movement Studies*. VOL. 17, NO. 3, pp.353–361 <https://doi.org/10.1080/14742837.2018.1459298>
- Lash S., Urry J. 1998. *Economías de signos y espacio. Sobre el capitalismo y la posorganización*. [1994]. Amorrortu, Buenos Aires, Argentina. 465pp.
- Larsimont, R. 2018. Modelo de Agronegocio, Agua y Ruralidad en los oasis de Mendoza, 1990- 2017: hacia una Ecología Política Territorial. Tesis para obtener el título de Doctor de la Facultad de Filosofía y Letras de la Universidad de Buenos Aires en Geografía. Filodigital. <http://repositorio.filo.uba.ar/handle/filodigital/10008>
- Law J. 2009. *Actor Network Theory and Material Semiotics*. En *The New Blackwell Companion to Social Theory*. Brian s. Turner (Ed.). UK, Wiley-Blackwell Publishing Ltd.
- Lowell, Jonathan Thomas; Adams, Paul C. The routes of a plant: ayahasca and the global networks of Santo Daime. *Social & Cultural Geography*. Mar2017, Vol. 18 Issue 2, p137-157. 21p.
- Lyra, C. O bairro do Recife e a Economia Criativa: do Carnaval Multicultural ao Paço do Frevo. *PragMATIZES - Revista Latino-Americana de Estudos em Cultura*, [S.l.], p. 109-121, aug. 2016. ISSN 2237-1508. Disponível em: <<https://periodicos.uff.br/pragmatizes/article/view/10436>>. Acesso em: 23 may 2020.
- MacCanell D. 2003. El turista. Una nueva teoría de la clase ociosa. Título original: *The Tourist: A New Theory of the Leisure Class*. [1976]. Ed. Melusina, Barcelona. 291pp.
- Mason P. 2019. [2015] *Postcapitalismo. Hacia un nuevo Futuro*. Paidós. México. 424pp.
- Molotch, H. Freudenburg, W. Paulsen K. 2000. *History Repeats Itself, But How? City Character, Urban Tradition, and the Accomplishment of Place*. *American Sociological Review*, Vol. 65, No. 6 (Dec., 2000), pp. 791-823. American Sociological Association
- Morales S. 2012a. *Los ensambladores y el entramado turístico*. 5º Congreso Latinoamericano de Investigación en Turismo. Sao Paulo, Brasil.
- \_\_\_\_\_. 2012b. *¿Auténticamente tafinista? Hurgando en el campo para descifrar la construcción de productos turísticos*. *Revista Anais Brasileiros de Estudos turísticos v. 2, n. 2 (2012)*. Pp. 20-32.
- Palacio Tamayo, D. (2017). El lugar-red y la acción ambiental. Pistas para una gobernanza reflexiva y situada. *Redes. Revista Hispana Para El Análisis De Redes Sociales*, 28(1), 73-91. doi:<https://doi.org/10.5565/rev/redes.648>
- Phillimore J, Goodson L. 2004. *Progress in qualitative research in tourism: epistemology, ontology and Methodology*. En Phillimore J, Goodson L. (compiladoras): *Qualitative Research in Tourism Ontologies, Epistemologies and Methodologies*. Routledge, London. 333 pp.
- Pineda, J. 2012. Produciendo un barrio de zona típica. Ensamblando actores híbridos para pensar un barrio patrimonial. Contenido. *Arte, Cultura y Ciencias Sociales. / Artículos de*
- Pollock A. 2020. Covid19 is not the enemy – it is us! LikedIn Publicado el 29 de Junio de 2020. Disponible en <https://www.linkedin.com/pulse/covid19-enemy-us-anna-pollock>
- Ponce P. 2014. El ensamblaje urbano del turismo en el centro histórico de quito: una propuesta de estudios urbanos desde la teoría actor-red. Tesis para obtener el título de Maestría en Estudios Urbanos. FLACSO Sede Ecuador.
- Ren C. 2009. *Constructing the Tourist Destination. A socio-material Description* (Tesis doctoral sin publicar) Centre for Tourism, Innovation and Culture; Department of Business Communication and Information Science University of Southern Denmark
- Rumé, S. 2018. Reflexiones antropológicas sobre la difícil ejecución del proyecto tranvía en Cuenca. *Revista Interuniversitaria de Estudios Urbanos de Ecuador*, 04: 25-34. <https://repositorio.flacsoandes.edu.ec/bitstream/10469/15811/1/REXTN-Ci4-04-Rume.pdf>
- Russo, A. (2016). Las nuevas fronteras del estudio del turismo: retos conceptuales y epistemológicos. *Revista CIDOB d'Afers Internacionals*, 113, 15–32. <http://search.ebscohost.com/login.aspx?direct=true&db=zbh&AN=118455955&lang=es&site=ehost-live>
- Sapag Aguilera, Guillermo. 2018. La conservación ambiental de base comunitaria en el Valle de Aconcagua, ¿una traducción territorial exitosa? Tesis para optar el grado de Magister en Geografía. Universidad de Chile.
- Secretaría de Turismo de México (SECTUR). 2020. Glosario del sector turismo. Fecha de consulta: 1 julio de 2020. Disponible en <http://www.datatur.sectur.gob.mx/SitePages/Glosario.aspx>

- Simoni V. 2012. *Tourism Materialities. Enacting cigars in touristic Cuba*. En Actor Network Theory and Tourism Ordering Materiality and Multiplicity Eds: René van der Duim, Carina Ren and Gunnar Thór Jóhannesson. Routledge, pages 59-71. UK.
- Van der Duim R. 2005. *Tourismscapes: an actor-network perspective on sustainable tourism development* (Tesis doctoral publicada) Supervisors: Prof. Dr. J. Lengkeek; Prof. Drs. N.W. Visser. Wageningen University. 283 pp.
- Van der Duim R, Johannesson G, Ren C. 2012 Actor-Network Theory and tourism: Ordering, materiality and multiplicity. London & New York: Routledge.
- Van der Duim R, Johannesson G, Ren C. 2017. ANT. A decade of interfering with tourism. *Annals of Tourism Research* 64 (2017) 139–149
- Verschoor, G. 1997. Tacos, Tiendas and Mezcal. An actor-network perspective on small-scale entrepreneurial projects in Western Mexico. Tesis doctoral publicada. Universidad de Wageningen.
- Villegas I, Edgar (2017) La teoría del Actor-Red, puerta de entrada a una mirada posdisciplinar de la construcción de saberes. En Hincapié A. (Autor). *Lo público, la ciudad y el conocimiento*. Problemas complejos de la investigación en el siglo XXI. Universidad Pontificia Bolivariana.
- Wallerstein I. 2007. *Impensar las Ciencias Sociales*. 5ª Ed. (en español) Siglo XXI Editores, México, 309pp.
- Xiao H. 2009. *Case Study Research in Tourism. Encyclopedia of Case Study Research*. 2009. SAGE Publications. 29 Apr. 2010. <[http://www.sage-reference.com/casestudy/Article\\_n42.html](http://www.sage-reference.com/casestudy/Article_n42.html)>..

---

Processo Editorial / Editorial Process / Proceso Editorial

Editor Chefe / Editor-in-chief / Editor Jefe: PhD Thiago D. Pimentel (UFJF).

Recebido / Received / Recibido: 11.06.2020; Revisado / Revised / Revisado: 07.12.2020; Aprovado / Approved / Aprobado: 17.12. 2020; Publicado / Published / Publicado (online): 24.12.2020.

Tradução do original do autor / Translation of author's original paper / Texto traducido de la versión original del autor.